

DAS 250 EMPRESAS ASSOCIADAS AO SINDIEX, MAIS DE 200 ESTÃO COM OPERAÇÕES CRESCENTES DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

PIB capixaba vai continuar a crescer acima da média nacional

Projeções do Sindiex confirmam a internacionalização da economia capixaba

RITA BRIDI
rbridi@redgazeta.com.br

Plagiando a parte final daquele jingle, que muitos de nós cantarolamos inúmeras vezes – atire a primeira pedra quem nunca cantou, “o tempo passa, o tempo voa”...-pode-se afirmar que o comércio exterior do Espírito Santo “continua numa boa”. E pelos cenários projetados, a situação futura continuará muito confortável.

Entra eleição, trocam-se os governantes, vem outra elei-

ção, novas mudanças e o crescimento das nossas exportações e importações mantém-se acima da média nacional. Nem mesmo a crise política, que deixa insones figuras coroadas da República, consegue atrapalhar o desempenho positivo do comércio exterior do Espírito Santo.

E a tendência é a manutenção dos índices de crescimento acima da média do país. “O dinamismo da economia do Espírito Santo está mais ligado ao que acontece

no mundo do que ao que acontece no país”, frisa o governador Paulo Hartung.

Opinião idêntica tem o presidente do Sindicato do Comércio de Exportação e Importação do Espírito Santo (Sindiex), Severiano Alvaranga Imperial. Ele lembra que das 250 empresas associadas ao sindicato, cerca de 200 estão operando, um indicativo de que a atividade está aquecida.

Estudo. Levantamento feito pelo economista Orlando Caliman, mostra que a atividade de comércio exterior no Espírito Santo, nas últimas três décadas, é crescente. A pauta das exportações e das impor-

tações foi diversificada e o Estado se consolidou como um dos principais exportadores e importadores do país.

“Nesses 35 anos, o Espírito Santo apresentou um dinamismo invejável, que esmoreceu um pouco apenas no final da década de 90”, explica Caliman, que é também o coordenador do Comitê de Economia do movimento empresarial Espírito Santo Em Ação.

Para se ter uma idéia das mudanças ocorridas na economia do Espírito Santo – não custa lembrar que até o início da década de 60 a base da nossa produção econômica era o café – basta tomar como referência o desempenho do Produto Interno Bru-

to (PIB) e sua composição.

A indústria, lembra Caliman, mais que dobrou sua participação no PIB. “Em 1970, participava com apenas 17%. Hoje já beira os 40%”. O Espírito Santo se especializou industrialmente em ser base de grandes cadeias produtivas que transcendem o seu território e os limites do país.

“A década de 60 foi a da inserção da economia estadual tanto no contexto da economia brasileira quanto internacional”, enfatiza o economista. Nesses 35 anos, explica, o Estado inseriu-se mais fortemente na economia nacional. Em 1975, as nossas vendas para os demais Estados correspondiam a 22,5%

do PIB, e em 1998, os percentuais saltaram para 66%.

Na comparação com o crescimento do PIB, o comércio exterior também leva vantagem. No período de 1970 a 2002, o PIB capixaba cresceu a uma média anual de 6,2%, contra 4,1% da economia brasileira.

Caliman lembra ainda que, de 1970 a 2004, as exportações capixabas cresceram a uma média anual de 16% para uma média nacional de 11%. As importações 12% ao ano no Espírito Santo, contra 10% no país. A tradução dos números leva a concluir que as operações do Espírito Santo no mercado externo cresceram muito mais que o PIB e mais que a média nacional.

Década de 70

Em 1970, as exportações eram representadas basicamente pelo café. Em menor escala vinha o minério processado

No final da década são ampliados os embarques de commodities, como minério de ferro, pelotas de minério, ferro-gusa e celulose, além de café

As importações eram mínimas. O Estado não era conhecido como ponto de importação

Embora o Fundap já estivesse em funcionamento a pauta das importações era bem restrita.

Basicamente importava-se cobre e algumas matérias-primas para o setor industrial

Década de 80

A diversificação começa a ter destaque na pauta de exportações.

Além dos produtos que já eram exportados entram o mármore e granito, o café solúvel e o aço da CST

No período o país teve uma política restritiva às importações com o câmbio também desfavorável

Década de 90

O período continua favorável às exportações com mais diversificação na pauta.

Começam as exportações de mamão papaia para os Estados Unidos e alguma coisa beneficiada de mármore e granito. Entram também móveis de madeira e confecções

A abertura da economia iniciada no Governo Collor incrementa as exportações que são beneficiadas no início do Plano Real pelo câmbio favorável

No boom das importações brasileiras de veículos, a porta de entrada foram os portos capixabas. O melhor período foi entre 1993 a 1997

Década de 2000

A pauta das exportações, continua diversificada. Entram as raízes (inhame, gengibre e cará) e pimenta-do-reino

O café, que em 1970, era o principal item, perdeu espaço para as commodities e para o mármore e granito e figura na quarta posição

As frutas frescas e o pescado, que hoje são embarcados no Rio de Janeiro, deverão entrar na nossa pauta, quando for concluído o projeto de modernização e ampliação do Aeroporto de Vitória

Com a redução das importações de veículos no final da década de 90, a pauta foi diversificada

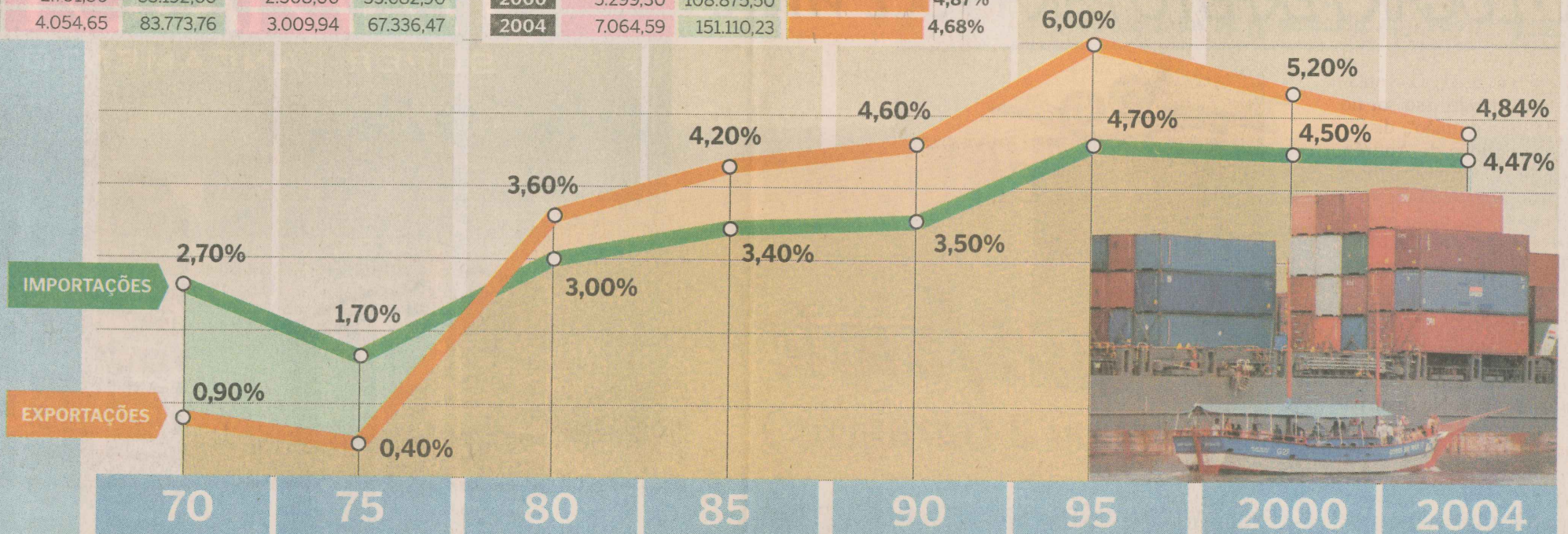
Além das matérias-primas, que continuam na cabeça, entraram outros produtos como eletroeletrônicos, telefonia, peças para reposição para a indústria do petróleo e cosméticos

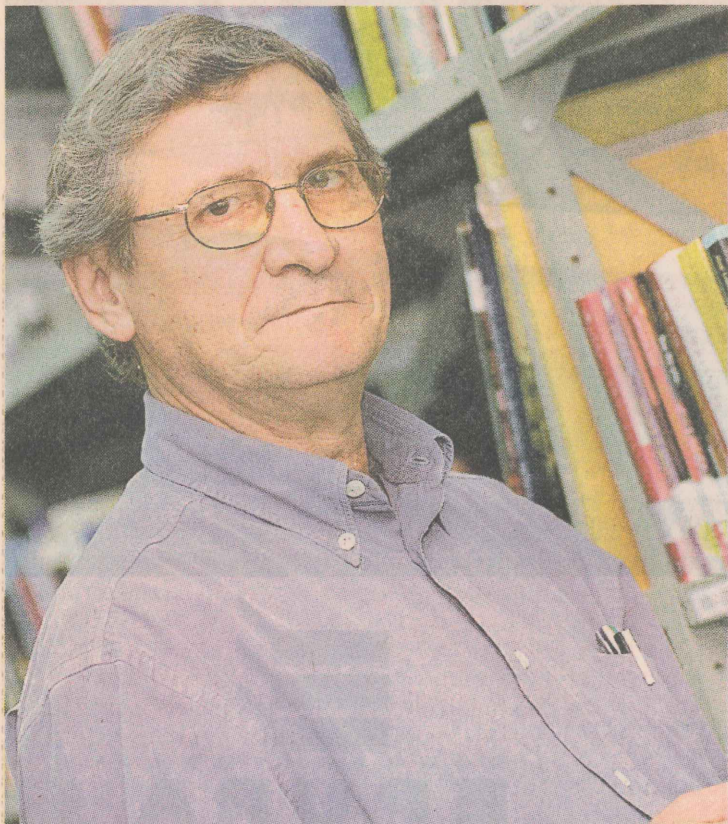
Comércio exterior - Em milhões de dólares

| Ano | EXPORTAÇÃO | | IMPORTAÇÃO | |
|------|----------------|-----------|----------------|-----------|
| | Espírito Santo | Brasil | Espírito Santo | Brasil |
| 1970 | 25,9 | 2.739,00 | 67,1 | 2.507,00 |
| 1975 | 32,8 | 8.669,90 | 206,4 | 12.210,30 |
| 1980 | 726,8 | 20.132,40 | 696,6 | 22.955,20 |
| 1985 | 1.087,10 | 25.639,00 | 442,6 | 13.153,50 |
| 1990 | 1.429,70 | 31.413,80 | 714,8 | 20.661,00 |
| 1995 | 2.282,30 | 46.506,30 | 2.333,30 | 49.857,50 |
| 2000 | 2.791,30 | 53.192,60 | 2.508,00 | 55.682,90 |
| 2004 | 4.054,65 | 83.773,76 | 3.009,94 | 67.336,47 |

Comércio exterior - Em milhões de dólares

| Ano | EXPORTAÇÕES + IMPORTAÇÕES | | Espírito Santo/Brasil |
|------|---------------------------|------------|-----------------------|
| | Espírito Santo | Brasil | |
| 1970 | 93,00 | 5.246,00 | 1,77% |
| 1975 | 239,20 | 20.880,20 | 1,15% |
| 1980 | 1.423,40 | 43.087,60 | 3,30% |
| 1985 | 1.529,70 | 38.792,50 | 3,94% |
| 1990 | 2.144,50 | 52.074,80 | 4,12% |
| 1995 | 5.115,60 | 96.363,80 | 5,31% |
| 2000 | 5.299,30 | 108.875,50 | 4,87% |
| 2004 | 7.064,59 | 151.110,23 | 4,68% |





ESTUDO. O economista Orlando Caliman prevê desempenho crescente no comércio externo. FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA

Frutas e pescado diversificam pauta

Ampliação do aeroporto e novo terminal de carga aérea vão contribuir para aumentar exportações

A nossa pauta de exportações, que já é bem diversificada – supera 30 itens – poderá ampliar, em muito o volume de frutas frescas e pescado, depois que forem concluídas as obras de ampliação e modernização do Aeroporto de Vitória e construído o novo terminal de cargas na área do aeroporto.

O Estado, que é o maior exportador brasileiro de mamão papaia, por exemplo, embarca a maior parte do volume pelos aeroportos do Rio de Janeiro e São Paulo. O pes-

cado fresco também é embarcado no Rio de Janeiro. A falta de contêineres frigorificados, é um dos gargalos para o crescimento das exportações, destaca o presidente do Sindiex, Severiano Alvarenga Imperial.

Ele lembra que a atual situação do aeroporto, sem condições de receber aeronaves cargueiras de maior porte, também é um fator limitador para a expansão da movimentação de cargas pelo modal aéreo. Quando a nova pista estiver em operação, explica, boa parte da carga importada, principalmente aquelas de maior valor agregado, chegará de avião.

O economista Orlando Caliman classifica de “muito promissor” o cenário de comércio exterior do Espírito Santo

para os próximos anos. Os pontos positivos, destaca, são o perfil da demanda internacional e a agilidade da nossa economia em responder aos impulsos externos.

Rochas e frutas. Caliman aposta em diversificação maior da pauta de exportações e de importações. A grande vedete, pondera, “será o setor de rochas”, que cresceu e desbancou o café, colocando-o, na quarta posição entre os destaques das exportações. A fruticultura é outra aposta juntamente com o setor moveleiro.

A base, lembra o economista, continuará sendo os grandes empreendimentos industriais com seus desdobramentos. Entretanto, a diversificação é realidade e é verifi-

cada nas exportações e também nas importações.

Na década de 90, os portos capixabas se transformaram na porta de entrada para os veículos importados. Entretanto, quando as montadoras começaram a se instalar em outros Estados, as importações foram distribuídas por outros portos e o Estado perdeu seu filão das importações.

Com a diversificação, a inclusão de outros itens que não estavam na pauta, o Estado manteve o pique nas importações. Tecidos, fios e fios de poliéster e vinhos – entra pelos portos capixabas cerca de 60% do vinho consumido no país – eram itens que não constavam da pauta das importações, nos tempos áureos dos veículos, lembra Severiano Imperial.